



Labaredas do Rio - Abordagens Histórico-Sociais do Rio e do Corpo de Bombeiros: do
Império à República

Autor: Afonso Henrique Sant Ana Bastos
(Programa de Pós-Graduação em História - UNIVERSO)

Rio de Janeiro – Império - Bombeiros

Seção Coordenada:

Primeira Opção: ST079 Instituições, Experiências e Trajetórias militares
Segunda Opção: ST018 Caminhos da Política no Império do Brasil
Terceira Opção: ST115 Repensar a “velha república”

Resumo:

O século XIX marcou a afirmação dos Bombeiros do Rio como instituição importante, do Império Brasileiro. Criada em 1856, no bojo das transformações promovidas pelo imperador, no momento de afirmação da Monarquia, a instituição conquistará o status de militar em 1880, situação que a transformará técnica e institucionalmente. No entanto, o fim da escravidão em 1888, e do Império em 1889, representou uma transformação na densidade populacional do Rio de Janeiro, e os Bombeiros tiveram seu cotidiano também alterado diante das mudanças que as instituições administrativas, agora republicanas, precisaram ter para se adequar ao novo modelo de governo no Brasil. Das labaredas que as mudanças que a República deveria representar aos anseios dos menos favorecidos, até o rescaldo que se tornou a continuidade de classes oligárquicas no poder, a análise da relação do cotidiano da corporação com a sua cidade natal, faz-se aqui, mediante documentação existente no Arquivo Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, com a perspectiva de nova abordagem histórica, fundamentada na filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, e nos postulados filosóficos do cotidiano de Hagnes Heller, para uma releitura dos aspectos cotidianos da cidade do Rio de Janeiro e da Corporação dos Bombeiros, na República Brasileira.

A chegada do século XX representa o momento de mudanças para República no Brasil. Este momento apresenta desafios nada modestos à sociedade brasileira, que terá que modificar padrões econômicos, estabelecer políticas sócio-estruturais, e investir na transformação do Brasil em espaço atrativo e significativo para o capital estrangeiro, que trará com ele a modificação sócio-econômica. Neste contexto encontra-se o Corpo de Bombeiros do Rio, em franca transformação técnica e institucional. As mudanças pelas quais o Rio de

Janeiro passa, em sua reurbanização, alteram o cotidiano da cidade e dos Bombeiros, estabelecendo a necessidade de uma dupla adaptação: cidade e instituição.

No dia 2 de julho de 1856, por Decreto Imperial número 1.775, D. Pedro II criava o Corpo de Bombeiros Provisório da Corte, ficando este de acordo com o decreto, sob a jurisdição do Ministério da Justiça. O Imperador justificou sua atitude, devido ao fato de naquele ano terem sido registrados, na Corte, 16 incêndios, sendo 13 em chaminés residenciais¹. Julgou-se pelos parâmetros da época um número muito elevado, sendo inclusive criada uma multa 20\$000, para qualquer casa que apresentasse fogo nas suas chaminés e fosse constatado ser aquele por falta de manutenção.

Um novo Decreto, de 26 de julho de 1856, nomeava o Major do Corpo de Engenheiros do Exército Brasileiro, João Baptista de Castro Moraes Antas como o Diretor Geral do Corpo de Bombeiros Provisório. Ao Major Moraes Antas coube a organização inicial, no âmbito administrativo e operacional da corporação, o que em 13 de março de 1857, deu como pronta num ofício ao Ministro da Justiça, conselheiro Dr. José Thomaz Nabuco de Araújo.

Como primeiro comandante Moraes Antas, percebeu que a estrutura de criação do Corpo de Bombeiros, compor-se-ia de diversas seções existentes nos Arsenais de Guerra e da Marinha, Repartição de Obras Públicas e Casa de Correção. Utilizaria o administrador da corporação de negros livres e de trabalhadores com conhecimentos adquiridos nas instituições escolhidas, três instituições inseridas intimamente na história do Rio de Janeiro. Cada Seção contava com 30 operários e vinte praças.

Iniciou-se em 1866, o uso de tração de viaturas por muares (jumentos). No entanto não tinha a Corporação os animais necessários para a execução de seus serviços. Foram estabelecidas normas e abertas concorrências para prestação de serviço de auxílio, que seriam prestados em casos de incêndios. Nessas ocasiões, os elementos cadastrados deveriam fornecer os muares necessários, que seriam atrelados às carroças a serem conduzidas aos locais dos incêndios. Para se cadastrar, essas pessoas deveriam possuir nas proximidades de cada estação ou posto, tantos muares quantas eram as carroças que poderiam ser utilizadas em casos de incêndio. Foram também estabelecidas pesadas multas para os cadastrados que, por qualquer motivo, não fornecessem os muares necessários.

¹Estatística publicada no Boletim do Comando Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, nº 128, de 2 de julho de 1956.

Quanto à militarização dos Bombeiros, os aspectos que a envolvem transformaram sua condição técnica, profissional e social. A transformação agiu também na relação cotidiana da Corporação com a sociedade carioca, que terá nos militares bombeiros uma instituição participativa em seus momentos de dificuldade, mas também servindo, em determinadas circunstâncias, como aparelho policial do Estado Imperial brasileiro, na contenção de manifestações de desagrado com a política imposta, naquele contexto sócio-econômico da história. A conquista da militarização através do Decreto Imperial 7.766, de 19 de julho de 1880 é fator preponderante na questão da evolução social da corporação, mas também para compreensão de uma parte da história dos Bombeiros do Rio, na moldagem de sua relação com a sociedade carioca.

A reforma urbana empreendida na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1902 e 1906, na gestão do Presidente Rodrigues Alves e do Prefeito Pereira Passos, não promoveu somente uma transformação estética. Foi elemento transformador da cidade, em relação às formas de convivência social, e alterou as rotinas das instituições públicas, que, diante da demanda do nascimento de uma “nova cidade”, precisaram se reaparelhar, se adaptar e condicionar seus contingentes operacionais e humanos à futura “Cidade Maravilhosa”.

Embora tais reformas trouxessem melhorias efetivas para a cidade, o custo social para a grande maioria – pobres, proletários, desempregados – foi muito alto. O trabalho de enquadrar e adaptar os populares a esse mundo moderno, que estava sendo construído, sob a luz de um novo modelo de desenvolvimento, coube à polícia, o braço do Estado, que agia em contato direto com as insatisfações dos populares. Mas a repressão sempre gera uma reação, reação esta que se traduziu em manifestos, revoltas, declaração pública de desagravo, impetuosidade, registrados, às vezes, com ataques ao patrimônio público e privado e com o atear fogo em instituições e habitações, gerando incêndios destruidores.

O reaparelhamento empreendido na estrutura profissional, humana e técnica do Corpo de Bombeiros, relacionada ao surgimento de uma “nova cidade”, se faz e uma realidade, e uma necessidade. O remodelamento do Quartel Central dos Bombeiros, a partir de janeiro de 1897 até março de 1908, e a nomeação de um engenheiro, o Coronel do Corpo de Engenheiros do Exército Brasileiro Francisco Marcellino de Souza Aguiar, para comandar a corporação, são exemplos das reformas que envolvem a Corporação nesse período. Assim, desde o dia 23 de março de 1908, o Quartel do Comando Geral do Corpo de Bombeiros,

estabelecido na Praça da República número 45, no Centro do Rio, se manteve como a sede das decisões do destino da corporação.

A República veio alimentar esperanças de dias melhores, mas em contrapartida lança a questão da conquista da cidadania. Na busca de sua afirmação, o regime republicano teria de equacionar questões remanescentes do Império, para dar aos brasileiros o sentido de ser brasileiro. Mas a realidade se processou de forma diferente. A dominância das oligarquias cafeeiras se manteve, e a República terá de produzir formas de manter seus cidadãos sob controle.

Passados os momentos de crise inicial, de instauração do regime, era preciso se dar mostras de domínio das novas estruturas republicanas. E o Rio de Janeiro será o ponto de partida para se pôr em prática as mudanças, que o modelo burguês capitalista requer. Não por coincidência, foi a capital escolhida para dar início às transformações. E, se tem início no Rio a imposição do modelo republicano, também no Rio surgiram as contestações ao regime. As revoltas que se manifestaram nos anos iniciais de transformação da cidade, tiveram o idealismo de conquista do proletariado, mas também foram manifestos de rebeldia, contra a opressão estabelecida pelo regime. O remodelamento da cidade cobrou um alto preço de quem tinha expectativas e esperanças no novo regime, principalmente os mais desvalidos.

Na pesquisa sobre os aspectos histórico-sociais da relação entre o Rio e os Bombeiros, na documentação analisada é possível identificar a estreita relação entre o Comando dos Bombeiros e o sanitarista Oswaldo Cruz. Peça importante nas mudanças ocorridas no Rio, nos anos iniciais da década de 1900, o sanitarista estabeleceu combate às epidemias pestilentas que assolavam a cidade, sendo a Revolta da Vacina um dos episódios protagonizados neste período. As epidemias que assolaram a cidade, fizeram vítimas, entre os Bombeiros, e neste contexto é possível se perceber cidade e Corporação tendo seus cotidianos misturados.

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro ainda não merecia o epíteto “Cidade Maravilhosa”. A falta de saneamento básico e as péssimas condições de higiene faziam da cidade um foco de epidemias, principalmente febre amarela, varíola e peste. Coube então ao jovem sanitarista Oswaldo Cruz, a missão de importar ideias da Europa para solucionar os problemas de saúde pública da cidade. Essas medidas, mesmo que impopulares e polêmicas, deveriam transformar o Rio num lugar salubre e convidativo aos investidores do café.

Oswaldo Cruz, além de ter sido o responsável pela estruturação da saúde pública no Brasil, foi quem saneou o Rio apesar de oposições ao seu projeto de saúde pública. A questão da saúde começou no combate à febre amarela, com uma guerra aos mosquitos, tática escolhida pelo sanitarista; a seguir executou-se o combate à peste bubônica numa verdadeira caça aos ratos, onde os agentes podiam invadir casas, interditar moradias e outras arbitrariedades. Finalmente teve efeito o combate à varíola, com a determinação da vacinação em massa, como estratégia de Cruz.

Tal atividade provocou rebuliço na cidade e perturbou a vida de milhares de pessoas, em especial os proprietários das casas desapropriadas para demolição, os proprietários de casas de cômodos e cortiços anti-higiênicos, obrigados a reformá-los ou demoli-los, e os inquilinos forçados a receber os empregados da saúde pública, a sair das casas para desinfecções, ou mesmo a abandonar a habitação condenada à demolição.

Cortiços e casebres, que compunham inúmeros quarteirões dos bairros centrais, foram demolidos, e deram lugar a grandes avenidas, seguindo o modelo de urbanização dos grandes bulevares parisienses. A engenharia e a medicina como ciências modernas ganharam força no alvorecer do século XX. Elas eram a representação do que de mais moderno e avançado existia mundo afora. No Brasil tinham ares de elite, era através delas que se processariam as transformações da qualidade de vida nos centros urbanos.

O Corpo de Bombeiros do Distrito Federal foi peça ativa neste processo de manifestação contra a transformação da “Cidade Maravilhosa”. Sua ação, principalmente, como instrumento de aparelho do Estado, apaziguou, dentro de suas limitações técnicas e profissionais da época, as insatisfações populares, e minimizou as consequências dos ataques dos revoltosos e insatisfeitos, com o processo civilizatório, imposto pelos governos Federal e Municipal.

Destaca-se no período analisado o comando do Coronel Francisco Marcellino de Souza Aguiar. Militar oriundo do Exército, dos quadros da Engenharia, será responsável pelas principais transformações técnicas e profissionais do período. Ao transmitir o cargo de Comandante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal ao seu irmão Feliciano Benjamim de Souza Aguiar, deixa pronto todo o planejamento para a reforma da Estação Central dos Bombeiros, hoje Quartel do Comando Geral.

A transformação da corporação, conhecida como “os Heróis do Fogo”, foi tão contundente quanto a processada na Cidade do Rio de Janeiro. Era preciso mais do que transformar a condição profissional, humana e o quantitativo de pessoal dos Bombeiros². A tarefa a ser executada deveria transformar a condição técnica e operacional de uma corporação criada no ideário colonial, com características emanadas de um império desarticulado; para uma corporação com capacidades inerentes aos novos tempos.

O processo de crescimento urbano, as transformações nos serviços e transportes, a com a chegada ao Rio dos transportes coletivos, influenciaram nas políticas voltadas para a expansão e transformação da cidade até as áreas mais distantes, rompendo a sua limitação geográfica, marcada pelas zonas ao redor da Praça XV. Oswaldo Porto Rocha e Lia de Aquino Carvalho atestaram esta transformação urbana:

O ônibus era um veículo de quatro rodas, dois andares, movido por tração animal (duas ou quatro parelhas), transportando em média vinte pessoas. Por oferecer serviços regulares de comprovada eficácia, o ônibus veio estimular a ocupação de áreas antes consideradas distantes, tais como Andaraí Pequeno (Tijuca), Caju e Pedregulho. O ônibus torna viável o projeto da Cidade Nova, principalmente da região vizinha ao Campo de Santana.

A bibliografia acima mencionada, no entanto, não discute a importância de um sistema de prevenção e adequação dos Bombeiros a esta nova realidade urbanística da cidade. Já aí se mostrava necessário uma adequação da realidade pessoal, material e técnica da corporação ao crescimento que se presenciava no cotidiano da cidade. O contingente do Corpo de Bombeiros em 1881 era de 161 bombeiros³, número que vinha sendo preservado desde 1870, quando se deu a sua última atualização; o material operacional restringia-se a 5 bombas a vapor, 3 bombas químicas, 16 bombas manuais, 3 carros com escadas, 4 carros para transporte de pessoal e material, 2 carros para condução de mangueiras, 2 meias caleças, 10

²Refere-se a série de medidas publicadas nos Boletins do Comando Geral do Corpo de Bombeiros, no período inicial do século XX.

³Retirado do Manual de Officiais do Corpo de Bombeiros do Império, do Arquivo Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro.

carros com pipas d'água, 10 carroças com pipas d'água, 2 carroças para condução de materiais, 50 muares e 7 cavalos.⁴

A primeira grande transformação na Corporação ocorrerá ao final de 1881, elevando-se o número de militares a 300⁵. A relação entre o crescimento urbano e os meios de transporte configurava-se, então, como necessária. Mas anos depois a eficiência dos Bombeiros já se mostrava ultrapassada. Surgem então os bondes. Já com concessão a uma empresa internacional para a exploração da atividade de transporte público no Centro da cidade.

O Corpo de Bombeiros inicia, então, um processo de reformulação técnica, profissional e material que terá seu momento mais marcante na construção do Quartel do Comando Geral da Corporação em 1903, e uma grande transformação qualitativa no trato do pessoal da Corporação, com a criação de uma caixa de pecúlio e de uma enfermaria para tratar os membros do Corpo. Também serão criadas as escolas de formação da Corporação.

O final do século XIX e o alvorecer do século XX compreende um período importante para o estudo da participação do Corpo de Bombeiros na cidade do Rio de Janeiro. Neste artigo busca-se cobrir as lacunas referentes à participação dos Bombeiros na então capital federal, e de apresentar, de uma forma diferenciada, as mudanças quantitativas e qualitativas, que a instituição obteve naquele contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO GERAL DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Livros de Ofícios Expedidos dos Anos de 1857 a 1906.

_____. Livros de Ofícios Recebidos dos Anos de 1857 a 1906.

_____. Boletins do Comando geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro de 1956.

_____. Livro de Registro de Incorporação de Praças Voluntários de Fevereiro de 1887 do Corpo de Bombeiros da Corte.

_____. Livro de Assentamentos de Praças do ano de 1887, do Corpo de Bombeiros da Corte.

⁴Relação de material operacional do Corpo de Bombeiros do Império. Arquivo Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro.

⁵Decreto Imperial 8837. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

AZEVEDO, André Nunes de. *Entre o Progresso e a Civilização: o Rio de Janeiro nos traços de sua capitalidade*. Dissertação de Mestrado ao Curso de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Rio de Janeiro, 1998.

BASTOS, Afonso Henrique Sant Ana. *Rio em Chamas: Cotidiano dos Bombeiros no contexto da urbanização do Rio de Janeiro (1900–1906)*. 1 ed. São Paulo: Opção Editora, 2016.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. Rio de Janeiro, 1992.

BRASIL. Decreto nº 1.775, de 02 de julho de 1856. De criação do Corpo de Bombeiros da Corte.

BRASIL. Decreto nº 7.766, de 19 de julho de 1880.

BRASIL. Decreto nº 8.337, de 17 de dezembro de 1881.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*; tradução de Flávio Paulo Meurer. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROCHA, Oswaldo Porto. *A Era das Demolições: Cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1986; p. 10

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *História da Urbanização no Rio de Janeiro*. IN. CARNEIRO, Sandra de Sá e SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel (organizadoras). **Cidades Olhares e Trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamound 2009.